

DEZ ANOS DE ENSINO SUPERIOR DE GEOGRAFIA

AROLDO DE AZEVEDO

Professor de Geografia do Brasil
na Universidade de São Paulo

Defeitos a corrigir. — Algumas sugestões

O que vou aqui reunir é o resultado de observações em dez anos de exercício efetivo no magistério superior, sempre dentro do campo da Geografia.

Com efeito, desde 1936 tenho lecionado na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", a princípio apenas na cadeira de Geografia Humana, mas, desde 1942, também na cadeira de Geografia do Brasil. A partir deste último ano, passei a lecionar ainda na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, à frente da cátedra de Geografia do Brasil. E, desde 1943, tive oportunidade de dar cursos de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia de Campinas.

Na primeira das Faculdades citadas, mantenho contacto com as alunas de tôdas as séries da secção de Geografia e História. Este fato, aliado à circunstância de lá estar trabalhando desde 1936, explica que a maioria de minhas observações se refiram a essa casa de ensino, embora os anos de atividade na Faculdade oficial e a opinião dos colegas que ali trabalham há mais tempo só tenham servido para confirmar essas mesmas observações, habilitando-me a generalizá-las.

N.R. — Comentando a comunicação do Prof. AROLD DE AZEVEDO, proferida em Tertúlia realizada a 2 de abril deste ano, aduziram considerações à mesma vários professores, merecendo destaque especial as intervenções dos professores EVERARDO BACKHEUSER e CARLOS DELGADO DE CARVALHO.

O professor BACKHEUSER acha que a unidade nos cursos de Geografia deve estar acima de tudo, o que em geral não acontece. Quando um professor de Geografia Física orienta o ensino o faz para o lado da geomorfologia; quando é professor de Geografia Humana, leva-o para lado diferente. Não devem pender nem para um, nem para outro extremo, e sim estudar a Geografia em si. Daí a importância da unidade de trabalho entre os professores de Geografia. Referindo-se ao nível de ensino dos alunos que chegam às escolas superiores, observou a mesma queda que o orador, ao retomar, após vários anos de afastamento, uma cadeira na Escola Politécnica, atribui o abaixamento do nível à deficiência do curso secundário, aos programas e sua organização e aos alunos saírem dos ginásios para as Faculdades; hoje com o curso colegial parece-lhe que os alunos vêm com um pouco mais de preparo. Ou o professor se mantém em nível superior e não é entendido pelos alunos ou abaixa o nível de ensino. Desde que o professor não julgue cumprido o seu dever apenas dando aulas, mas que em excursões, em conversação, multiplique o contacto com os alunos, as dificuldades vão desaparecendo.

Pediu o professor BACKHEUSER um esclarecimento — se com três anos gerais e dois especializados o curso não ficaria muito extenso, o que diminuiria o número já reduzido de alunos atraídos pela Geografia.

O professor DELGADO DE CARVALHO afirmou que se cuida na Universidade do Brasil de rever-se a seriação dos cursos de Geografia e História separados, contra sua opinião, mas de acordo com a opinião dos professores e técnicos do C. N. G. a partir do 1.º ano. Até agora o quarto ano, dedicado à Didática, à Biologia Educacional, à Administração Escolar, etc., era um ano perdido para a profissão do especialista. Espera ele que agora a situação venha a mudar e que os alunos continuem a ter cursos de Geografia e História nessa quarta série.

Algumas das sugestões apresentadas pelo tertuliano serão adotadas na Faculdade Nacional de Filosofia, como cursos novos no primeiro e segundo ano, já existentes no setor de ciências. Observa-se a tendência à formação de Departamentos, subdivididos em secções com vários cursos em comum, tendo o professor DELGADO DE CARVALHO proposto o curso de Cartografia em tôdas as séries. Não havendo uma cadeira de Cartografia nem se cogitado da criação de cadeiras novas, solicitou o apoio do Eng.º CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO para amparar sua idéia, dado que o C. N. G. tem instalação material para a sua execução. Não seriam cursos para especialistas, mas para geógrafos.

O professor BACKHEUSER observou que desde que a Geografia não é mais apenas Geografia Física e nem só uma ciência social, mas participa de ambas, a Faculdade de São Paulo está certa ao isolá-la num departamento. A História não deve ser ensinada em detalhes, mas nos seus fundamentos ou, antes, deve ser a filosofia da História. Só hoje se forma o ambiente geográfico e não é geógrafo o que não vê a unidade geográfica — a Geografia Regional. Só o geógrafo pode ver em conjunto.

O professor BACKHEUSER acha preferível a idéia do professor AROLD DE AZEVEDO de troca de região a região. Pensa que a A. G. B. poderia tomar a iniciativa, respondendo o professor AROLD que lhe faltam meios para isso.

Usarei de muita sinceridade nesse despretenhoso apanhado de fatos e na crítica que dêles espero fazer. Minha franqueza poderá parecer, muitas vezes, demasiado rude. Entretanto, agindo dessa maneira, não me move outro intuito senão o de ver melhorada a eficiência de nosso ensino geográfico; demonstrarei, por outro lado, amizade aos meus alunos, porque um amigo não deve esconder defeitos, quando os verifica e sabe que são perfeitamente sanáveis. Isto mesmo tive ocasião de dizer a muitos dêles, quando, no dia 15 de março próximo findo, focalizei, em suas linhas gerais, alguns dos temas que aqui pretendo abordar, ao ter a honra de proferir a aula inaugural dos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Falta de base, defeito fundamental

O primeiro e grave obstáculo com que defrontam os professores, em qualquer de nossos cursos superiores, é a falta de base dos alunos. Esta verdade — que, estou certo, posso generalizar — apresenta-se, também, com a mesma seriedade, no setor restrito da Geografia.

Nota-se, antes de mais nada, uma falta de base geográfica verdadeiramente lastimável. Os alunos se apresentam aos exames de habilitação e, freqüentes vezes, no próprio curso superior, ignorando noções gerais, quando não princípios rudimentares da Geografia. Nada mais comum do que encontrar-se, por exemplo, alunos que são incapazes de distinguir uma rocha eruptiva de uma rocha sedimentar; que ignoram os fundamentos da noção de clima; que fazem confusão entre a emigração e a imigração; que não têm idéia precisa dos grandes grupos de povos da Terra; que desconhecem fatos essenciais da Geografia de nosso país: as grandes linhas de seu relêvo e de sua estrutura, as mais importantes paisagens botânicas, as zonas de densidade da população, os tipos de povoamento, o valor de nossas forças econômicas.

Ninguém poderá conceber que um jovem entre para a secção de Matemática de uma Faculdade de Filosofia ignorando como se somam frações ou como se extrai a raiz quadrada de um número; ou não se poderá compreender que um outro, que se destina às Letras Clássicas, não saiba as declinações latinas. Como imaginar, então, que um aluno de Geografia possa fazer um curso eficiente, com tais falhas fundamentais?...

A situação do professor torna-se, nesses casos, bastante difícil: se não tomar conhecimento de tais realidades, arrisca-se a ver perdida uma boa parte de seus esforços e inutilizadas muitas das noções dadas, que pressupõem o conhecimento dêsses fundamentos; se desce até o nível em que encontram tais alunos, desvirtua o caráter superior de seu ensino e torna descontentes aquêles poucos que, por terem a necessária base, gostariam de tratar de assuntos mais elevados ou profundos.

O problema mais grave se torna, com a falta de cultura geral, que se nota comumente em relação à maioria de nossos alunos. Não quero

falar na ausência de uma certa orientação filosófica, nem tão pouco na falta de uma cultura literária ou artística. Desejo aqui me referir apenas à ignorância dos fatos essenciais da História da Civilização, da nossa tão maltratada História do Brasil, da nossa própria língua.

Nada mais comum, realmente, do que encontrar-se um aluno que ignora o exato significado da civilização da Idade Média ou da Revolução Industrial, por exemplo. Outros existem, que podem saber os nomes de alguns de nossos governadores-gerais ou de alguns estadistas do Império e da República, mas que ignoram as grandes etapas de nossa formação territorial ou os ciclos econômicos e suas conseqüências. Quanto à língua, o que se presencia chega a ser realmente constrangedor: má redação, ignorância completa quanto à colocação de pronomes ou da crase, erros de concordância, vícios de linguagem dos mais pueris, falta absoluta de vocabulário. Nada mais triste do que corrigir-se uma prova, que se inicia desta maneira prosaica: "Como sabemos..."

Ora, êsse material humano já está constituindo uma boa parte e vai constituir a massa de nosso professorado de curso secundário. Tenho procurado, sempre que há ocasião, abrir os olhos dêsses futuros mestres: que tristeza, para êles, quando tiverem de ir ao quadro-negro escrever um resumo da lição ou o tema do exame escrito e sofrerem o temor de cometer um êrro crasso de redação ou de concordância!

Já se sabe que o grande responsável, o eterno responsável por tudo isso é o nosso ensino secundário, há longos anos considerado falho e defeituoso, apesar das reformas realizadas e do aluvião de portarias expedidas...

Mas, convenhamos: moços e moças de 17 e 18 anos, com certa dose de discernimento, tão "avançados" à vêzes noutros setores, não poderiam compreender a precariedade de sua situação e tentar, ao menos, remediá-la?

Na verdade, há soluções para o caso e longe estou de perder as esperanças em encontrá-las. Para os que já se acham cursando nossas Faculdades, muito aconselhável seria realizar uma honesta recapitulação das noções básicas, percorrendo mais uma vez, agora com maior eficiência, os compêndios de que se serviram durante o ciclo fundamental. Ou — e isto seria o ideal — deviam ler com seriedade e vontade de aprender, livros como os da coleção CHOLLEY ou da coleção ALLIX e LEYRITZ, para a Geografia; os da série MALLETT e ISAAC, para a História da Civilização; o velho mas bem feito compêndio de JOÃO RIBEIRO ou o recente de PEDRO CALMON, para a História do Brasil. Em relação à nossa língua, um bom professor ou um bem escolhido curso por correspondência não fariam mal a ninguém.

Quanto aos que pretendiam ingressar nas Faculdades de Filosofia, aconselharia um pouco menos de pressa, em favor de um curso muito mais proveitoso. Que se reserve um ano inteiro ou, quem sabe, mesmo

dois anos, para um preparo consciencioso e honesto, a fim de sanar as deficiências, corrigir as falhas de nosso ensino. Seriam os alicerces de um curso, forçosamente, dez ou vinte vêzes mais eficiente e útil, se comparado com os que são realizados nas circunstâncias atuais.

Ensino secundário e ensino superior

Outro ponto que considero necessário focalizar diz respeito às diferenças entre o ensino secundário e o ensino superior. Pode parecer estranho, senão ridículo, ferir tal tecla. Mas a minha experiência tem demonstrado que, repetidas vêzes, o aluno penetra em nossas Faculdades de Filosofia sem uma idéia exata a êsse respeito, imaginando que ali vai receber uma espécie de ensino secundário "mais adiantado" e ignorando que cada qual tem seu método e suas finalidades.

Dentro dessa mentalidade errada, o aluno sofre, logo de entrada, uma grande desilusão: não encontra possibilidade de estudar em um compêndio, onde as lições do mestre aparecessem bem arrumadinhas, prontas para serem digeridas... A solução que se lhe apresenta é uma só: lançar-se furiosamente às anotações usar e abusar das famosas apostilas. O resultado de todo êsse esforço mal orientado vai ser, por ocasião dos exames, a reprodução quase literal (as anedotas, inclusive...) das aulas recebidas, na convicção de que, assim agindo, está proporcionado ao professor uma imensa alegria.

Muitas vêzes, porém, (para não dizer, quase sempre), ao chegar o dia do exame, o professor formula um tema que exige raciocínio, mais ampla leitura, uma contribuição pessoal do aluno, sem se ater exatamente à matéria dada em aula, no desejo muito justificado de ler ou de ouvir cousas novas e com a marca individual do examinando.

Suponhamos um caso concreto: o professor da cadeira de Geografia do Brasil estudou, em seus cursos, a Amazônia e o Nordeste, sob o ponto de vista físico, humano e econômico; nada mais razoável que, ao formular o tema de exame, exija que seus alunos apresentem um pequeno estudo regional do Baixo Amazonas ou discorram sôbre "Os contrastes da paisagem nordestina".

As conseqüências dessa atitude são muitas vêzes quase catastróficas: lamentações e suspiros, fisionomias ansiosas que fazem lembrar naufragos ao sabor das ondas, lencinhos amarfanhados em dedos trêmulos ou cigarros que se sucedem uns após outros, quando não lágrimas a deslizar pelas faces em descontrôle... Naturalmente, o professor fica numa situação difícil, desagradável, de grande constrangimento — o que não significa, porém, que nem de leve cogite em substituir o tema proposto...

Tudo isso faz parte da própria natureza do ensino superior: Cabe ao mestre, naturalmente, orientar seus alunos, dar-lhes as linhas básicas, com método e clareza, não se esquecendo de fornecer a bibliografia essencial, em livros ou artigos de revistas. Compete ao aluno saber apro-

veitar, o mais possível, todo êsse material, realizando trabalho que muito terá de seu e, durante o qual, terá oportunidade de conhecer outros aspectos do assunto, às vêzes não tratados em aula; fará obra muito sua, aprenderá mais e, no final, dará ao professor o grande prazer de ler ou ouvir cousas novas e a certeza de que possui alunos que sabem pensar e não são meros autômatos.

Mas o assunto apresenta uma facêta, não menos grave: quero me referir, agora, à atitude dos licenciados em Geografia em relação ao material recolhido durante seu curso. De que modo o utilizarão na carreira do magistério?

A experiência tem demonstrado que, mesmo êstes, mesmo os que perlustraram os bancos acadêmicos pelo espaço de quatro anos, em contacto diurno com as mais variadas matérias e os mais variados professôres, mesmo êles não sabem distinguir perfeitamente a natureza de um e de outro dos cursos citados. Realmente, tenho conhecimento de absurdos como o que se segue: o jovem professor, recém-diplomado, instala-se em uma classe de um colégio qualquer e põe-se, ali, muito sencerimoniosamente, a vender a mercadoria tal como a comprou... Daí encontrarmos alunos de curso ginásial ou de curso colegial a receber, mais ou menos perplexos, exatamente, rigorosamente, as mesmas aulas que o zeloso licenciado ouviu de seus professôres na Faculdade de Filosofia! Alguns chegam ao cúmulo de, demonstrando uma ingenuidade angelical, dizer ao mestre: "Estou dando o seu curso, sôbre tal assunto, aos meus alunos do Ginásio. E êles estão apreciando muito..."

Não será demais repetir, por conseguinte, frisando ainda uma vez, a natureza diversa e a finalidade diferente, sem falar na diversidade de método, existente entre o curso secundário e o curso superior.

Pesquisas geográficas

Quem já teve diante de si, em curso superior, uma turma de estudantes de Geografia, sabe muito bem que outro obstáculo, não menos sério, que se tem a vencer é a pouca disposição à pesquisa e à observância pessoal. Não sei se o mal é exclusivamente brasileiro; apenas constato sua existência e com caráter bastante grave.

Nada mais comum, com efeito, do que encontrar alunos que são incapazes de dizer algo de interessante a respeito de uma região que lhes é bastante conhecida ou que acabam de percorrer. As perguntas do professor: "Observou muita cousa? Conseguir tomar muitas notas?... " seguem-se respostas realmente desconsoladoras, como estas: "Não encontrei nada para ver, professor. Lá, nada existe que possa interessar..."

Tais respostas refletem muito bem um ponto de vista que se generalizou e se enraizou por tal forma, que persiste no ânimo de nossos discípulos como um "vírus" daninho e pertinaz: como êles, ao visitar Jacarepaguá, por exemplo, não encontram ali nada que se possa com-

parar com o deserto do Saara ou com a caudal amazônica, julgam muito honestamente que a paisagem deixa de ter o mínimo interesse para a Geografia...

Ora, como tive ocasião de acentuar em minha tese de concurso,* já se foi o tempo em que a Geografia só se interessava pelos grandes assuntos e pelos aspectos sensacionais do nosso planeta. Quando dominava a Geografia descritiva pura e simples, só o que era belo, exótico ou inacreditável merecia a atenção dos geógrafos. Daí o caráter pitoresco de muitas obras de outrora. Daí o encontrar-se alunos e (porque não dizê-lo?) também professores conhecendo mais ou menos bem o fenômeno da pororoca, a cachoeira de Paulo Afonso ou as belezas da Guanabara, mas incapazes de dizer algo sobre o problema da foz do Amazonas, a natureza da chapada Diamantina ou sobre a Baixada Fluminense e as montanhas do maciço Carioca.

Neste, como em tantos outros aspectos, a Geografia moderna é uma Geografia muito mais real e exata. Depois de localizar, descreve e interpreta a paisagem, com tudo quanto a caracteriza, por mais simples que seja. Interessa-se por detalhes do relevo ou da vegetação, mesmo que não se trate de Montanhas Rochosas ou da "taiga" siberiana. Focaliza o homem na sua vida rotineira e naquilo que a luta pela existência o levou a construir, mesmo que não habite um "chalé" alpino ou não trabalhe na mina mais profunda do globo. Em duas palavras: realiza um estudo real da paisagem terrestre.

Outras vezes, trabalhando em pesquisas, nossos alunos formulam suas perguntas, recolhem cuidadosamente as respostas e as fazem chegar ao professor como se fôsem meros transmissores mecânicos. Têm olhos, mas deles não fazem uso. Possuem cérebro, mas o deixam a descansar...

São defeitos que vêm de muito longe, bem o sei. Nasceram no curso primário, onde a Geografia foi sempre uma desprezada, bastando para ensiná-la reler as páginas do venerando compêndio do Dr. JOAQUIM MARIA DE LACERDA; se alguém julgar que exagero, que converse com professores primários espalhados por esse imenso Brasil ou vá às livrarias constatar que aquêl compêndio (que serviu aos nossos pais e, quem sabe, aos avós de muitos dos que me ouvem) continua a ter sucessivas edições. São defeitos que se vêm fortalecidos em nossos cursos secundários, onde os professores, por falta de tempo ou por outro motivo qualquer, não se lembram de apelar para o espírito de observação dos alunos, nem estimulam sua natural curiosidade. Tudo isso diminui, senão serve para perdoar totalmente a culpa de muitos de nossos discípulos.

Na realidade, quantos deles tiveram sua atenção chamada, nos bancos do ginásio, para a marcha aparente do Sol, por exemplo? ou para as diferenças de vegetação natural e para os tipos de *habitat* rural,

* AZEVEDO (Aroldo de), *Subúrbios Orientais de São Paulo* — Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — São Paulo, 1945.

em uma determinada região ? . . . Quantos teriam ido observar, em nosso tão vasto litoral, o trabalho da abrasão ou a formação das restingas ? Quantos teriam tido sua atenção chamada para a ação das águas de um rio qualquer — e o Brasil é o paraíso dos rios —, observando as etapas do ciclo de erosão ? Quantos teriam tido ocasião, antes de penetrar em nossas Faculdades de Filosofia, de indagar de onde provém o trigo com que se faz o pão nosso de cada dia ou o leite e a carne que consomem ?

As causas dêsse defeito de nossos alunos talvez possam ser encontradas mais longe ainda. Indiscutivelmente, o brasileiro viaja pouco. As grandes distâncias, as dificuldades e os preços elevados do transporte, o desconforto reinante nos hotéis das cidades pequenas e médias, o comodismo e, por certo, outras razões, fazem com que nos deixemos ficar em nossas cidades, só muito raramente saindo do horizonte estreito do local em que moramos. Ora, nada mais provocador da curiosidade e da observação do que um estudo comparativo; e não há melhor maneira de realizarmos úteis comparações, do que viajar, conhecer novas regiões, com outros hábitos e outras paisagens.

Convencido estou de que muitos brasileiros existem que estão sinceramente certos de que o Brasil é mais ou menos igual de norte a sul e que, positivamente, não vale a pena gastar energias e dinheiro para conhecer regiões idênticas ou muito parecidas, em última análise, àquelas em que vivem. Em contraposição, ninguém pode ter a menor dúvida que êsses irmãos nossos sentir-se-iam surpreendidos e, certamente, encantados se tivessem oportunidade de conhecer o admirável mosaico de paisagens que se contêm dentro de nossas fronteiras. Será um dia de glória não só para a Geografia, como para a própria unidade nacional, aquêie em que fôr possível presenciar êsse espetáculo: a gente do Pantanal matogrossense visitando a zona serrana do Estado do Rio ou as praias do nosso litoral; sertanejos nordestinos entrando em contacto com a paisagem inesquecível do vale do Itajaí; paulistas planaltinos a percorrer o labirinto amazônico; gentes da campanha gaúcha a visitar os alterosos rincões de Minas Gerais; acreanos a conhecer os canaviais do Nordeste, com suas usinas e suas casas-grandes; baianos do Recôncavo a pisar o planalto paranaense. Rasgar-se-ão novos e inconcebíveis horizontes para o conhecimento e a compreensão da Geografia brasileira; ao mesmo tempo, serão fortalecidos os laços que unem os filhos dêste país, graças ao contacto direto, ou melhor conhecimento dos problemas regionais, com suas vantagens e suas fraquezas.

Por conseguinte, enquanto não pudermos criar, entre nós, êsse saudável e só vantajoso espírito viajor (e seria o caso de iniciarmos uma campanha em favor dessa nova forma de "Bandeirismo", menos rude que o de nossos antepassados e bem mais geográfico); enquanto não fôr possível melhorar o nível de nosso ensino primário e secundário — urge que despertemos, por tôdas as maneiras, a curiosidade e o espírito de observação de nossos alunos. Oferecendo-lhes planos teóricos de pesquisas, que podem prestar serviços, desde que sejam bem

orientados; fazendo-o realizar excursões de simples treinamento dêsse espírito de investigação, bastando, para isso, utilizar uma região próxima, onde a natureza e o homem se apresentem de maneira sensível e significativa; lançando-os, finalmente à pesquisa direta, sob a orientação do mestre e, mais tarde, livre dela, para que os alunos possam contar com os seus próprios recursos e saibam resolver seus problemas por si mesmos.

Precisamos de pesquisadores. Sem êles, a Geografia ficará marcando passo, deixará de evoluir, tornar-se-á "fóssil".

Didática da Geografia

Nossas Faculdades de Filosofia não se podem restringir, porém, à formação de pesquisadores. Sua missão precípua, ao contrário, tendo-se em vista as necessidades do país, deve ser a formação de professores para o ensino secundário. Daí o cuidado, poderia dizer mesmo, o carinho, com que deve ser o mesmo assunto tratado.

A tarefa de formar tais professores cabe, pela legislação em vigor, ao curso de Didática. Nada impede, porém, que no curso de Bacharelado iniciemos os futuros professores nessa bela missão.

Assim têm pensado muitos dos professores que lecionam nas Faculdades de Filosofia de São Paulo. E, entre êles talvez sejam os professores de Geografia os que têm oferecido maior contribuição.

Neste particular, peço licença para expor, em poucas palavras, o que tem sido feito na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", onde leciono nos três anos do curso de Bacharelado.

No 1.º ano, costumo iniciar meus alunos no terreno da bibliografia. Procurando demonstrar o inestimável valor das fontes de consulta, quer sejam livros, quer sejam revistas especializadas, tento conduzi-los à organização de seu primeiro *fichário geográfico*. É claro que me limito a lançar a semente, esperando que o aluno saiba cultivá-la e possa, com o tempo, dispor de um razoável fichário para os seus próprios estudos.

No 2.º ano, durante o primeiro semestre, faço-os elaborar *planos de aula*, dentro do programa da 1.ª série ginasial. Trata-se de uma experiência inicial, a fim de conduzir o aluno ao bom caminho do método e da ordenação lógica dos assuntos a abordar. Elaborado o plano, é o mesmo discutido em classe, de maneira que todos possam colaborar e dar sua opinião. No segundo semestre, os alunos devem fazer *resenhas bibliográficas*, isto é, resumem para seus colegas um artigo de revista, alguns capítulos de um livro ou dão uma idéia geral de uma obra que hajam lido. Constituem o que costumo chamar de "aula baseada num só autor"; realmente, afinal de contas, o aluno faz, com tais resenhas, uma primeira experiência de como dar uma aula, com a facilidade de não ter de se preocupar com bibliografia. Início-os, assim, na prática da exposição oral, o que lhes dará desembaraço e mais fácil manejo da palavra, para o futuro.

No 3.^o ano do curso de Bacharelado, enfim, os alunos devem dar *aulas* de verdade, embora destinadas a seus colegas. Os temas são distribuídos com a necessária antecedência (em geral, não inferior a um mês), forneço-lhes a bibliografia essencial e a eles compete fazer o plano e apresentar a aula. Segue-se a crítica, feita pelo professor e, com o decorrer do tempo, também pelos próprios colegas do bacharelado.

Assim fazendo, os alunos chegam ao curso de Didática com uma certa dose de experiência, que sempre lhes há de ser útil; e estão mais ou menos preparados para vida prática.

O sistema tem dado bons resultados. Antes de mais nada, obriga o aluno a preocupar-se com o método, com o plano de sua aula, com a maneira de expô-la, com o seu conteúdo. Mostra, também, os futuros grandes professores e aqueles para os quais tem-se vontade de dizer: "Porque não escolhem outra carreira?..." Serve, ainda, para tomar cuidadosamente o tema, para que seja dada uma boa aula; na verdade, quantas aulas, embora bem arquitetadas, são transmitidas sem nenhum entusiasmo, sem vida, sem "alma".

Ensinar é uma arte; para ser bom professor, deve-se ter alma de artista. Do mesmo modo que exigimos inclinação para o pintor ou o musicista, o professor também precisa ter jeito para sua missão, sua grande missão.

Seria útil e, mesmo, um benefício à coletividade, que aqueles que não têm inclinação para o magistério fôssem buscar, noutra profissão mais lucrativa e menos trabalhosa (e elas existem, por aí, em tão grande número!), o seu meio de vida. Prestariam um serviço ao ensino, ao mesmo tempo que não fariam sofrer muita gente. No caso da Geografia, então, o assunto apresenta relevante importância; a Geografia-nomenclatura já lhe deu tão desastrada fama, que melhor será que procuremos reabilitá-la por tôdas as maneiras, inclusive esta: livrando-a dos maus professores...

Expor o assunto com clareza e simplicidade; torná-lo agradável, deixando de lado as complicações inúteis; dar-lhe vida e interesse — eis alguns dos princípios que asseguram o êxito e a eficiência de uma aula qualquer e, em particular, uma aula de Geografia.

Há aqueles que estão convencidos do contrário e certos de que causa boa impressão a aula sobrecarregada de termos técnicos ou de teorias mais ou menos estratosféricas... Em duas palavras: uma aula que, ao ser terminada, deixe com o aluno a sensação de inferioridade, de esmagamento, de explosão atômica...

Ora, quem pensa dêsse modo e age dessa maneira, terá fatalmente um destes resultados: ou espantará de vez os seus infelizes ouvintes, o que significa que a Geografia poderá perder algum VIDAL DE LA BLACHE em formação...; ou será um dia censurado, se não fôr amaldiçoado, por ter lançado mão de complicações desnecessárias e de uma idiota encenação.

Agindo da maneira a que atrás fiz referência, estou certo, o jovem futuro professor terá, em sua carreira, muitas e confortadoras conso- lações, que lhe servirão de estímulo e de encorajamento para a áspera mas belíssima trilha que escolheu.

Ensino da Geografia superior

Resta-me abordar um tema, que me parece de grande atualidade: a questão do ensino da Geografia superior. Satisfaz o atual "currículo" de matérias das Faculdades de Filosofia? Que tem ensinado minha experiência nesses dez anos de exercício do magistério?...

Não tenho dúvida em responder pela negativa à primeira dessas in- dagações. Positivamente, deixam bastante a desejar a atual divisão em três cadeiras — Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil, da mesma maneira que os três anos do curso e a própria es- truturação do curso de Geografia e História.

Começarei minha crítica pelo último dos aspectos referidos. O tema tem dado margem a muitos debates e, até São Paulo, chegaram os ecos das vozes dos que, na capital brasileira, bateram-se decidida- mente por uma separação radical entre a Geografia e a História. Se me fôsse permitido opinar, nada mais teria a fazer senão reforçar o ponto de vista já externado ao ministro GUSTAVO CAPANEMA, por inter- médio do atual ministro da Educação, Prof. ERNESTO DE SOUSA CAMPOS, pelos professores de Geografia da Universidade de São Paulo: concor- damos em tese com a separação, mas não podemos conceber que se o faça de maneira radical e absoluta.

A êste propósito, os professores de Geografia da Universidade de São Paulo são unânimes em desejar uma separação apenas nos últimos anos do curso, pois consideram que tanto a História necessita da Geo- grafia, como esta daquela; aliás, já se tornou lugar comum esta estreita interdependência. Assim fazendo, por outro lado, amplia-se o horizonte cultural de um como de outro dos especialistas, o que virá aumentar a cultura geral de ambos.

Entretanto, é evidente que os programas deverão ser de tal modo organizados que, nesses anos que chamarei de básicos, sejam apenas estudados os fatos fundamentais tanto da Geografia como da História. Porque ninguém pode contestar que, para quem deseje especializar-se em Geografia, nada mais enfadonho do que estar a lidar com os palá- cios e os vasos da civilização cretense ou com as minúcias do reinado de Luís XIV; da mesma maneira que, para quem deseje especializar-se em História, deve ser bastante aborrecido estudar o relêvo cárstico nos seus detalhes ou os gêneros de vida na África tropical.

Urge, pois, distinguir as cadeiras de caráter fundamental e as ca- deiras de especialização. Para isso, os atuais três anos do curso de Bacharelado tornam-se inegavelmente insuficientes. O ideal seria um *curso fundamental*, de no mínimo três anos, no qual fôsem estudadas

apenas as matérias básicas, através de programas especialmente organizados para êsse fim, dando direito a quem o completasse de exercer o magistério secundário ou, quem sabe, somente o ensino ginasial; e, a seguir, um *curso de especialização*, constituído por dois ou três anos, no qual imperasse (agora, sim) a separação absoluta entre a Geografia e a História, com matérias selecionadas que assegurassem uma cultura especializada e programas flexíveis que também pudessem atender a êste objetivo. Dêste último curso saíram os verdadeiros técnicos — geógrafos ou historiadores, de quem muito poderia esperar o país, através de pesquisas conscienciosas e bem orientadas.

Tudo isso — convém ressaltar — independente do *curso de doutoramento*, a ser feito apenas pelos que houvessem realizado o curso de especialização e que seria o coroamento natural da carreira de quem pretendesse dedicar sua existência ao desenvolvimento tanto da Geografia como da História.

Quanto à atuais matérias do curso de Geografia e História, sentimos falta, por exemplo, numa cadeira que poderá denominar-se de *Geografia Regional* (ou que poderá ter outro nome talvez mais expressivo), dentro da qual o professor, com plena liberdade, estudará aspectos significativos da Geografia regional — todo um continente ou alguns tipos de regiões geográficas, por exemplo. Atualmente, tais estudos são feitos pelos professores de São Paulo, mas um tanto deslocadamente, dentro das cadeiras de Geografia Física e de Geografia Humana. Seria útil reconhecer a necessidade de tal estudo e dar-lhe autonomia através de uma cátedra ou disciplina à parte.

Por outro lado, não nos parece justo que se continue, como até aqui, a estudar a Geografia Física e a Geografia Humana apenas nos dois primeiros anos do curso, e a Geografia do Brasil somente no 3.º ano. Por todos os motivos, seria aconselhável que os estudos daquelas primeiras cadeiras se estendessem até o 3.º ano ou, mais além ainda, na hipótese da criação do curso de especialização; ao mesmo tempo, os estudos de Geografia do Brasil deveriam iniciar-se no 2.º ano, a fim de permitir, não só um conhecimento mais profundo, como também um contacto maior do professor para com seus alunos. Tal como hoje está, o professor que só lecionar Geografia do Brasil (é o meu caso na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo), quando mal tiver conhecido seus discípulos — suas qualidades e defeitos, suas inclinações —, já os vê partir, com a chegada do fim do ano.

No que se refere às matérias, ainda gostaria de lembrar a necessidade de alguns cursos, atualmente não cogitados pela lei federal: a Geologia, a Cartografia, a Cosmografia — para só citar três exemplos e admitindo que a Biogeografia esteja compreendida dentro da expressão Geografia Física, o que é discutível. O estudo de *Geologia* notadamente a Geologia Histórica e a Estratigrafia — constitui uma necessidade imperiosa para a formação de bons professores ou pesquisadores de Geografia. Da mesma maneira, a *Cartografia* e a *Cosmografia*; esta

última, antes de mais nada, porque faz parte de nossos programas secundários (tanto do curso ginasial, como do colegial) e contém matéria que, para ser bem ensinada, deveria ser estudada em nossas Faculdades de Filosofia.

Em São Paulo, tem-se tentado sanar tais deficiências. Na Universidade, os alunos de Geografia frequentam um curso de Geologia e cogita-se, neste momento, de introduzir o de Cartografia. Na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", há três anos, vem sendo ensinada a Geografia Astronômica e, nos últimos dois anos, em caráter autônomo, a Cartografia, cogitando-se agora, de se criar a cadeira de Geologia para os que fazem o curso de Geografia e História.

Mas há um ponto, ainda, que me parece necessário ferir: o da unidade das cadeiras de Geografia. Pelo bem do ensino, por uma coordenação maior nos trabalhos de pesquisas, em benefício da própria Geografia — torna-se imprescindível unir as cadeiras geográficas. Tudo isso sentimos e compreendemos, nós, os professores da Universidade de São Paulo; e acabamos de dar forma concreta a uma realidade que já existia, mas que ainda não se objetivara: a criação do *Departamento de Geografia* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — notícia que, com sincera satisfação, é dada neste momento, em primeira mão, fora do âmbito de nossa Escola. Nada mais justo que seja o Conselho Nacional de Geografia a primeira entidade oficial, extra-universitária, a recebê-la; e o faça de maneira solene, como um dos professores daquele Departamento.

Entrosado, pela comunhão de ideais e de objetivos, com a jovem mas já gloriosa Associação dos Geógrafos Brasileiros, o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo pretende ser uma forja de geógrafos no bom sentido do termo e a semente de uma instituição de finalidade mais vastas e de mais amplos horizontes — o futuro *Instituto de Geografia* que, um dia, haveremos de criar no planalto paulista, à sombra dessa grande oficina de trabalho e de ciência, que é a Universidade de São Paulo.

Conclusão

São estas algumas das observações, que consegui reunir, após dez anos de trabalho no magistério superior; e as sugestões que, sem sair de minha obscuridade, tomei a liberdade de apresentar a tão ilustre auditório.

Que possam produzir os frutos que imaginei, ao formulá-las. Que, colocadas sob o alto patrocínio do Conselho Nacional de Geografia, possam ser bem analisadas e não venham a perder-se na cesta das cousas inúteis. Não para que dêem destaque a quem as apresentou mas pelo bem da Geografia, em nosso país.

RÉSUMÉ

Monsieur AROLD DE AZEVEDO, Professeur de Géographie du Brésil à l'Université de São Paulo, présente dans cet article une analyse de l'enseignement de la Géographie dans les Cours Supérieurs.

L'auteur, en se basant sur l'expérience personnelle, commence par dire que: le premier obstacle rencontré par le professeur, en n'importe quel Cours Supérieur, consiste dans le manque de connaissances suffisantes, de la part des élèves, des différentes matières et cela s'accroît davantage lorsqu'il s'agit d'élèves qui désirent se spécialiser en géographie — ils savent, en général, très peu au sujet de cette matière lorsqu'ils commencent le Cours Supérieur. Cette lacune peut être attribuée à des causes bien diverses, mais la principale provient certainement d'un cours secondaire mal fait. L'auteur trouve que, dans l'enseignement secondaire, il existe non seulement un manque de bonne orientation philosophique, mais encore une connaissance insuffisante des faits relatifs à l'Histoire Universelle et à l'Histoire du Brésil, et même de la langue maternelle.

L'élève croit, d'une manière générale, qu'il va continuer à apprendre dans les Facultés de Philosophie de la même manière qu'à l'enseignement secondaire; il ignore qu'on y adopte une méthode toute différente. Ce qui amène de grandes difficultés pour l'élève, car il n'a plus à sa disposition des précis qui suppriment, pour ainsi dire, la nécessité de raisonner et il n'a pas acquis l'habitude de faire des recherches, qualité indispensable au géographe.

Le manque de disposition à la recherche, à faire des observations personnelles, met l'élève dans un sérieux embarras pendant toute la durée du cours. Habitué à la géographie descriptive, enseignée pendant le cours secondaire, les élèves ne sentent pas la nécessité de faire des voyages, afin de connaître les diverses régions du pays et procéder à des enquêtes personnelles.

L'auteur trouve que le brésilien n'a pas la mentalité du voyageur et, qu'aussi longtemps que cette mentalité n'a pas été suffisamment introduite au Brésil, il faudrait maintenir une véritable campagne introduite au Brésil, il faudrait maintenir une véritable campagne de propagande dans ce sens. Il convient, d'autre part, de chercher par tous les moyens à éveiller chez les élèves la curiosité et l'esprit d'observation, aussi longtemps que le niveau de l'enseignement primaire et secondaire n'a pas été amélioré.

Ensuite, l'auteur fait remarquer que la finalité des Facultés de Philosophie ne consiste pas seulement dans la formation de chercheurs, mais aussi, de professeurs pour l'enseignement secondaire. Les Facultés maintiennent, pour accomplir cette dernière finalité, un cours de Didactique, suivant la loi en vigueur. La Faculté de Philosophie "Sedes Sapientiae", où Monsieur AROLD AZEVEDO exerce sa profession, suit d'ailleurs cette orientation et a établi le programme suivant:

Pendant la première année, les élèves apprennent à faire des études bibliographiques et à organiser leurs fiches géographiques; en deuxième, les élèves s'entraînent à faire des plans pour chaque leçon, accompagnés de notes bibliographiques; en troisième, les élèves doivent donner des leçons à ses camarades, ce qui permet de constater les tendances de chacun et de vérifier quels sont les élèves véritablement doués pour l'enseignement. Cette méthode a donné de bons résultats et a permis aux élèves de se présenter avec plus d'assurance au cours de didactique. L'auteur fait ensuite des considérations à propos de l'enseignement de la Géographie dans les Facultés de Philosophie, qui comprend les chaires de: Géographie Physique, Géographie Humaine et Géographie du Brésil.

Quant à la séparation du Cours de Géographie du Cours d'Histoire, l'auteur trouve, qu'en principe, il est recommandable de rendre indépendants les deux cours, mais comme ils se complètent l'un l'autre, il convient de garder des justes proportions dans cette séparation.

L'auteur observe que les trois années destinées au Baccalauréat ne sont pas suffisantes pour la formation de Professeurs en Géographie et que l'idéal serait l'organisation d'un *cours fondamental* de trois ans pendant lesquels seraient enseignées les matières basiques; ensuite, un *cours de spécialisation* qui comprendrait deux ans et pendant lesquels la géographie resterait séparée de l'Histoire; finalement, un *cours de doctorat*, qui serait fait seulement par les élèves qui auraient complété celui de spécialisation.

L'auteur suggère également qu'il serait utile d'inclure dans le cours de Géographie et Histoire une chaire de *Géographie Régionale*, comme prolongement de l'étude de la Géographie Physique et Géographie Humaine.

L'auteur rappelle encore la nécessité de créer les cours de *Cartographie* et de *Cosmographie*, qui sont déjà insérés dans les programmes de l'Université de São Paulo et de la Faculté de Philosophie "Sedes Sapientiae".

En finissant, l'auteur dit que l'on a créé le *Département de Géographie* à l'Université de São Paulo, qui a pour but de grouper les chaires de Géographie et qui facilitera, en même temps, la création de l'*Institut de Géographie* de l'Etat de São Paulo.

RESUMEN

El Autor, Prof. AROLD AZEVEDO, profesor de Geografía del Brasil en la Universidad de São Paulo, presenta un estudio sobre la enseñanza de la Geografía en el Curso Superior, resultante de observaciones personales.

Comienza diciendo que, el primer obstáculo que encuentra el profesor en cualquiera cátedra del Curso Superior, es la falta de base de los alumnos en las diversas materias, principalmente en Geografía, cuando se trata de alumnos que van a especializarse en esta disciplina. Varias son las causas de esta deficiencia, mas, la principal, es el resultado de un curso secundario mal hecho, en el que la materia es a veces mal enseñada. Salienta que no es solamente falta de una orientación filosófica que concurre a ello, sino de conocimientos generales de hechos esenciales de Historia de la Civilización, de Historia del Brasil, de la propia lengua.

Generalmente, el alumno que ingresa en las Facultades de Filosofía, piensa que lo que en ellas se estudia no es más que una continuación de lo que se enseña en el Curso Secundario, ignorando que cada cual tiene métodos y finalidades diferentes. El resultado es que el estudiante encuentra serios obstáculos por delante, desde la falta de compendios, donde el raciocinio poco trabaja, hasta la necesidad de raciocinar, de investigar, hábito éste indispensable al geógrafo.

La indisposición para la investigación, para la observación personal, dice el Autor, es un obstáculo serísimo que atormenta al alumno durante todo el curso. Los alumnos agarrados a la geografía descriptiva que lhes fué enseñada en el Bachillerato, no se dan al trabajo de investigar, de viajar, de conocer las diversas regiones del Brasil.

Al Autor le parece que, en cuanto no haya por parte del brasilero verdadero espíritu de andariego, iniciando, si es el caso, una campaña a favor de esa forma de "Bandeirismo", "menos rudo que el de nuestros antepasados, y más geográfico"; "en cuanto no sea posible mejorar el nivel de nuestra enseñanza primaria y secundaria, urge que despertemos, por todos los medios posibles, la curiosidad y el espíritu de observación de nuestros alumnos".

Luego dice de la finalidad de las Facultades de Filosofía, que no es solamente la de formar investigadores, sino también, profesores, destinados al Curso Secundario. Para tal fin, las Facultades, dentro de la legislación en vigor, mantendrán el curso de Didáctica, no impidiendo que sea desempeñada esta misión durante el curso de los estudios. Por otra parte, en esta particular, ya fué adoptada en la Facultad de Filosofía "Sedes Sapientiae", donde el Autor es Profesor, estando así distribuidas las materias: En el 1.º año, los alumnos son llevados al estudio bibliográfico, donde aprenden a organizar su primer *Fichario Geográfico*; en el 2.º año, hacen *planos de aula y reseñas bibliográficas*. En el 3.º año, los alumnos deben dar clases para sus colegas, aquí revelando su aptitud ó ineptitud para el Magisterio. Esta experiencia há dado óptimos resultados, conduciéndolos al curso de Didáctica con mayor seguridad. Analiza despues la enseñanza de la Geografía en las Facultades de Filosofía, donde es distribuida en 3 cátedras: Geografía Física, Geografía Humana y Geografía del Brasil.

En principio, acepta la tesis de los que defienden la separación de los cursos de Geografía e Historia, mas condicionando que esta separación nó sea radical, sino que haya apenas una cierta independencia entre ambas, yá que entre sí se complementan.

Los 3 años del Curso nó son suficientes para la preparación de profesores de Geografía; por esto lo ideal sería un *curso fundamental*, nó menor de 3 años, en el que fuesen enseñadas las materias básicas; un *curso de especialización*, durante 2 años, separadas la Geografía y la Historia, y el *curso de doctorando*, el cual sería hecho únicamente por aquellos que tuvieran yá el de especialización.

En el Curso de Geografía e Historia, el autor encuentra necesaria la inclusión de una cátedra de *Geografía Regional*, un prolongamiento del estudio de la Geografía Física y de la Geografía Humana.

Recuerda además, la necesidad de crear los cursos de Cartografía y Cosmografía, materias éstas yá enseñadas en la Universidad de São Paulo y en la Facultad de Filosofía "Sedes Sapientiae".

Concluye diciendo que fué creado el *Departamento de Geografía* en la Universidad de São Paulo, el cual tendrá como finalidad la unificación de las cátedras de Geografía, siendo al mismo tiempo un paso dado para la creación del *Instituto de Geografía* en el Estado de São Paulo.

RIASSUNTO

L'autore, AROLDO DE AZEVEDO, professore di Geografia del Brasile nell'Università di São Paulo, presenta uno studio sull'insegnamento della Geografia nei corsi superiori, fondato sulle sue osservazioni personali.

Il primo ostacolo, che si oppone ad un professore di qualunque materia del corso superiore, è la mancanza di preparazione degli alunni, principalmente in Geografia, quando si tratta di alunni che intendono specializzarsi in questa scienza. Le cause di tale deficienza sono varie; principale, l'insufficienza del corso secondario, dove la materia é spesso insegnata male. L'autore nota che concorre a ciò non solo la mancanza di un orientamento filosofico, ma anche l'insufficiente conoscenza degli elementi essenziali della Storia della Civiltà, della Storia del Brasile, e della stessa lingua.

In generale, lo studente che entra nella Facoltà di Filosofia immagina che in questa siano soltanto ulteriormente sviluppati gli insegnamenti del corso secondario, ignorando che ai diversi gradi dell'insegnamento corrispondono metodi e fini diversi. Ne segue che lo studente trova serie difficoltà, per la mancanza del compendio, che quasi lo dispensava dal ragionare, e per la necessità di abituarsi al ragionamento ed all'indagine autonoma.

L'avversione alla ricerca ed all'osservazione personale è un ostacolo gravissimo, che mantiene in uno stato d'inferiorità lo studente durante tutto il corso. Gli studenti non riescono a staccarsi dalla geografia puramente descrittiva, insegnata nel ginnasio, e non si adattano al nuovo lavoro d'investigare, di viaggiare, di conoscere le diverse regioni.

L'autore crede che, finchè il brasiliano non acquisterà lo spirito del viaggiatore — mercè una campagna a favore di questa forma di "Bandeirismo", meno rude di quello dei nostri antenati, ma ben più geografico — e finchè non s'innalzerà il livello dell'insegnamento elementare e secondario, si dovrà tentare, almeno, di svegliare la curiosità e lo spirito di osservazione degli studenti, in tutti i modi possibili.

Il fine delle Facoltà di Filosofia non è solo quello di formare scienziati, ma anche professori per il corso secondario. Per ciò le Facoltà, secondo la legge vigente, devono mantenere il corso di Didattica; nulla impedisce, però, che questo studio sia introdotto anche nel corso di baccellierato, come già fu fatto nella Facoltà di Filosofia "Sedes Sapientiae", dove l'autore insegna. La distribuzione delle materie è la seguente:

Nel 1.º anno, gli studenti sono guidati allo studio bibliografico, imparando ad organizzare il loro primo *schedario geografico*; nel 2.º anno, preparano *progetti di lezioni e sommari bibliografici*; nel 3.º, danno lezioni ai compagni, rivelando così la loro capacità od incapacità per l'insegnamento. Quest'esperienza ha dato ottimi risultati, conducendo gli alunni con maggior preparazione al corso di Didattica.

L'autore analizza, poi, l'insegnamento della Geografia nelle Facoltà di Filosofia, dove questa materia è distribuita in tre cattedre: Geografia Fisica, Geografia Umana e Geografia del Brasile.

In massima, accetta la tesi della separazione tra i corsi di Geografia e di Storia, a condizione, però, che non sia radicale, perchè i due insegnamenti si completano a vicenda.

I tre anni del corso di baccellierato non sono sufficienti per preparare professori di Geografia, e perciò l'ideale sarebbe un *corso fondamentale*, di almeno tre anni, dove sarebbero insegnate solo le materie di base; un *corso di specializzazione*, di due anni, con separazione della Geografia dalla Storia; e il *corso di dottorato*, che sarebbe seguito solo da coloro che avessero compiuto quello di specializzazione.

Nel corso di Geografia e Storia, l'autore crede necessaria l'inclusione di una cattedra di *Geografia Regionale*, complemento dello studio della Geografia Fisica e Umana.

Ricorda la necessità di creare i corsi di Cartografia e Cosmografia, già esistenti nell'Università di São Paulo e nella Facoltà di Filosofia "Sedes Sapientiae".

Concludendo, accenna all'istituzione della *Sezione di Geografia* dell'Università di São Paulo, che ha come fine il coordinamento fra le cattedre di Geografia, ed è allo stesso tempo un passo verso la creazione dell'*Instituto di Geografia* dello Stato di São Paulo.

SUMMARY

The author, Prof. AROLDO DE AZEVEDO, Professor of Brazilian Geography at the University of São Paulo, presents a study of the teaching of Geography in the University as a result of personal observations.

Initially, he says that the first obstacle the Professor in any department of the University encounters is the lack of basic training of the students in various subjects principally in Geography when they plan to specialize in that course. There are several reasons for this deficiency, but above all it is the result of the student having had poor instruction in high school. It is striking that not only is that deficiency caused by a lack of a sound philosophical base but also by a lack of general knowledge about essential data on the History of Civilization, the History of Brazil and of our own language.

Generally, the student enters the College of Liberal Arts believing that his work at the University will be a continuation of what he learned in high school. He is ignorant of the fact that each school has different methods and aims in its teaching. The result is that the student has serious obstacles to overcome: 1) no longer having textbooks it is necessary that he think for himself, and, 2) that of being immediately required in the University to do research, which is indispensable for the geographer.

The author says that the unwillingness to do research and make personal observations are very serious obstacles that hamper the student throughout his entire course. The students accustomed to descriptive Geography, which was taught them in high school, do not like the work of investigating and travelling to various regions of Brazil to study Geography.

Although the love of travel may not be a trait of the Brazilian, the writer believes that a campaign in favor of that form of pioneering ("Bandeirismo") "less difficult than that of our ancestors and much more geographic" should be started; "while it may not be possible to raise the level of teaching in our grade and high schools, it is urgent that we awaken, by all means, the curiosity and the spirit of observation of our students".

He then says that the aim of the College of Liberal Arts, is not only to develop researchers, but also to train future high school teachers. For that purpose, the College of Liberal Arts, within legislation now in force, will continue its course on Education. However, this will not prevent the course from being given to those seeking a Bachelor's degree. Therefore, in this case, the College of Liberal Arts "Sedes Sapientiae", where the author is a Professor, has already adopted the following plan for the distribution of the courses.

In the 1st year, the students are introduced to bibliographical study, where they learn to organize their first *Geographical Index*; in the 2nd year, they organize *Lesson Plans* and *Bibliographical Summaries*; in the 3rd year, the students must give classes to their colleagues, where they reveal their aptitude or inaptitude for teaching. This training has been giving very good results, sending them to the Education course with a great deal of confidence. He then analyzes the teaching of Geography in the College of Liberal Arts, where it is distributed into 3 departments: Physical Geography, Human Geography, and Geography of Brazil.

At the beginning, the belief of those that claim the courses of Geography and History should be separated is followed. This separation, however, is not sharply made, rather there exists an interdependence between the two courses as they tend to complement each other.

The three years spent in seeking a Bachelor's degree are not sufficient preparation for a Geography teacher. For that reason, the ideal training would be a *Fundamental Course*, having a minimum of 3 years, where only basic material would be a *Fundamental Course*, consisting of 2 years, separated into Geography and History; and a *Graduate Course*, which would be open only to those who had already taken the Specialized Course.

In the Geography and History course, the author finds it necessary to include a department of *Regional Geography*, a continuation of the study of Physical and Human Geography.

The author reminds us of the necessity of creating the courses of Cartography and Cosmography, subjects already being given at the University of São Paulo and in the College of Liberal Arts "Sedes Sapientiae".

He concludes, saying that the *Department of Geography* at the University of São Paulo was created, which will have as its aim the unity of the courses on Geography and will be at the same time a step toward the creation of the *Geography Institute*, in the State of São Paulo.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser AROLDO DE AZEVEDO, Professor der Geographie Brasiliens an der Universitaet von São Paulo, bietet auf Grund von persoenlichen Erfahrungen eine Studie ueber den Unterricht der Geographie an Hochschulen dar.

Zum Anfang fuehrt er aus, dass die Hauptschwierigkeit, die jeder Professor einer Hochschule vorfindet, im Mangel an soliden Kenntnissen der Schueler auf allen Gebieten liegt. Die Ursachen dafuer sind mannigfaltig. Der Hauptgrund, soweit Geographie in Frage kommt, ist das Versagen der Mittelschulen, wo der Gegenstand vielfach in sehlur ungenuegender Weise behandelt wird. Das ist nicht nur auf eine mangelnde Philosophische Orientierung zurueckzufuehren, sondern auch auf ungenuegende Kenntnisse allgemeiner Art auf dem Gebiete der Geschichte der Zivilisation, der Geschichte Brasiliens, ja selbst der Muttersprache.

Der Student, der sich in der Philosophischen Facultaet immatrikuliert, hat im allgemeinen die Vorstellung, dass hier der Lehrplan eine Fortsetzung dessen der Mittelschule ist und weiss nicht, dass beide verschiedene Methoden und Ziele haben. Das Resultat ist, dass der Student in beträchtliche Schwierigkeiten geraet, zumal die Lehrbuecher versagen, in denen wenig Wert auf die Faehigkeit zu Denken und zu Forschen gelegt wird, Faehigkeiten, die auch fuer den Geographen unentbehrlich sind.

Die Unfaehigkeit zur Forschung, zur persoenlichen Beobachtung, ist in der Meinung des Autors das groesste Hindernis fuer den Studenten waehrend seiner ganzen Studienzzeit. Die Schueler klammern sich an die rein beschreibende Geographie an, die ihnen auf dem Gymnasium gelehrt wurde, und zeigen wenig Neigung zu Reisen, zu Forschen und die verschiedenen Gegenden Brasiliens kennen zu lernen.

Da der Brasilianer, so meint der Verfasser, offenbar keinen Drang zum Reisen hat, so sollte man einen Propaganda — Feldzug in diesem Sinne anregen und eine neue Form des "Bandeirismo" schaffen, weniger roh als den unserer Vorfahren und mehr geographisch. Das geographische Niveau der primaeeren und sekundaeren Schulen kann nur gehoben werden, wenn wir auf jede Weise versuchen, die Lernbegier und den Beobachtungsgeist in unseren Schuelern zu erwecken.

Was die Ziele der philosophischen Fakultaeeten anbelangt, so sagt der Verfasser, dass sie nicht nur zur Aufgabe haben Forscher zu erziehen sondern auch Lehrer fuer die Mittelschulen auszubilden.

Zu diesem Zwecke geben die Fakultäten im Rahmen der bestehenden Verordnungen einen Kurs ueber Didaktik, ohne jedoch den entsprechenden Unterricht in "curso bacharelado" aufzugeben. Dieses Prinzip wurde schon in der Philosophischen Fakultät der "Sedes Sapientiae" angewandt, wo der Autor unterrichtet.

Der Lehrgegenstand ist in der folgenden Weise verteilt.

Im ersten Jahr sind die Studenten durch bibliographische Studien in Anspruch genommen, wo sie lernen ihre erste geographische Bibliographie zu organisieren. Im zweiten Jahr machen sie Plaene zu unterrichten und bibliographische Berichte.

Im dritten Jahr muessen die Schueler vorlesungen vor ihren Klassenkameraden halten, wobei sich ihre Eignung oder Nichteignung fuer den Lehrbetrieb offenbart. Diese Schulung hat ausgezeichnete erfolge erzielt.

Der Verfasser analysiert dann den Lehrbetrieb der Geographie in den philosophischen Fakultäten, wo er unter drei Lehrstuehle aufgeteilt ist: Physische, Geographie, Geographie des Menschen und Geographie Brasiliens. Grundsätzlich stimmt der Autor denjenigen zu, die eine Trennung der geographischen und historischen Kurse befuerworten, aber er meint, dass diese Trennung nicht radikal sein duerfe, sondern mehr eine gewisse Unabhaengigkeit der einen Wissenschaft von der anderen bedeuten solle. Eine ergaenzt die andere.

Die drei Jahre des "bacharelado" reichen nicht aus, um Professoren fuer Geographie heranzubilden. Deshalb waere ein "curso fundamental" das Ideale, von mindestens drei Jahren, in dem nur die grundlegenden Gaecher gelehrt wuerden. Naechst kaeme ein "Kurs der Spezialisierung" von zwei Jahren, in dem eine Trennung von Geographie und Geschichte vorgenommen wuerde. Ein dritter kurs fuer Doktoranden koennte nur von denjenigen belegt werden die schon den Kurs der Spezialisierung hinter sich haetten.

Zu einen Kurs fuer Geographie und Geschichte, meint der Autor, muesste ein Lehrstuhl fuer Laenderkunde errichtet werden, die er als eine Art Erweiterung der physischen und menschlichen Geographie bezeichnet. Ferner sind noetig Kurse ueber Kartographie und Cosmographie, beides Gegenstaende, die jetzt schon in der Universitaet São Paulo in der Fakultät "Sedes Sapientiae" vorgetragen werden.

Der Verfasser schliesst indem er sagt, dass em "Departamento de Geografia" an der Universitaet São Paulo errichtet wurde, dessen Ziel, die Vereinigung aller Lehrstuehle fuer Geographie ist. Zu gleicher Zeit ist dieses "Departamento de Geografia" ein Schritt zur Errichtung eines "Instituto de Geografia" fuer den Staat São Paulo.

RESUMO

La aŭtoro, Prof. AROLDO DE AZEVEDO, instruisto de Geografio de Brazilo ĉe la Universitato de São Paulo, prezentas studon pri la lernigado de Geografio en la supera kurso, rezultantan de propraj observoj.

Komencante, li diras ke la unua baro, kiun la instruisto trovas en iu ajn lernobjekto de la supera kurso, estas la manko de bazaj scioj de la lernantoj pri la diversaj instrufakoj, precipe pri Geografio, se ili estas lernantoj kiuj estas specialigontaj en tiu objekto. La kaŭzoj de tiu nesufiĉeco estas diversaj, sed la ĉefa estas la rezulto de malbone farita meza kurso, kie la objekto estas kelkfoje malbone instruita. Li reliefigas ke ne nur la manko de filozofia orientado kunefikas por tio, sed ankaŭ la manko de generalaj konoj pri esencaj faktoj de Historio de la Civilizacio, de Historio de Brazilo, de la lingvo mem.

Ordinare la lernanto kiu venas en la Fakultaton de Filozofio pensas ke en ĝi oni nur daŭrigas tion, kion oni instruas en la meza kurso: li ne scias ke ĉiu el ili havas siajn proprajn metodojn kaj celojn. La rezulto estas ke la lernanto trovas antaŭ si gravajn barojn, de la manko de lernolibro (ĉar kiam tiu ĉi ekzistas la rezono malmulte laboras) ĝis la neceso rezoni, esplori, kio estas kutimo nepre necesa al geografo.

La malinklino al la esplorado, al la persona observado, la aŭtoro diras, estas gravega baro, kiu turmentas la lernanton dum la tuta kurso. La lernantoj alkröcitaj al la priskriba geografio, kiun oni instruis al ili en la meza kurso, ne sin dediĉas al la peno esplori, vojaĝi, koni la diversajn regionojn de Brazilo.

La aŭtoro opinias ke, dum la brazilanoj ne sin montras vojaĝemaj (kaj oni devus eĉ entrepreni kampanjon por tiu formo de "landserĉismo", "malpli kruda ol tiu de niaj prapatroj kaj multe pli geografia"), "dum ne estos eble plibonigi la nivelon de nia unuagrada kaj duagrada instruado, urĝas ke ni veku ĉiel la scivolemon kaj la observemon de niaj lernantoj".

Poste li parolas pri la celo de la Fakultatoj de Filozofio, kiu ne estas nur formi esploristojn, sed ankaŭ formi instruistojn por la meza kurso. Por tio, la Fakultatoj laŭ la nuna leĝaro devas teni la kurson de Didaktiko, kio ne malhelpas ke tiu objekto estu lernata en la abiturienta kurso. Cetere, tio jam estas farita de la Fakultato de Filozofio "Sedes Sapientiae", kie la aŭtoro estas instruisto kaj kie la lernobjektoj estas ordigitaj jene:

En la unua jaro la lernantoj estas kondukataj al la bibliografia studo, kie ili lernas organizi sian unuan *geografian sliparon*; en la dua jaro ili faras *lecionplanojn* kaj *bibliografajn priskribojn*. En la tria jaro la lernantoj devas doni lecionojn al siaj kolegoj, kaj tiam ili elvidigas sian kapablecon aŭ nekapablecon por la instruisteco. Tiu praktikado estas doninta bonegajn rezultatojn, kondukante ilin al la kurso de Didaktiko kun pli da sekureco. Li analizas poste la instruado de Geografio, kiu estas dispartigita en tri instrufakojn: Fizika Geografio, Homa Geografio kaj Geografio de Brazilo.

Principe li akceptas la tezon de tiuj, kiuj defendas la apartigon de la kursoj de Geografio kaj Historio, kondiĉe ke la apartigo ne estu radikala, kaj ke ekzistu nur kelka sendependeco inter ambaŭ, ĉar unu kompletigas la alian.

La tri abiturientaj jaroj ne estas sufiĉaj por la preparo de instruistoj de Geografio, kaj por tio la idealo estus *fundamenta kurso*, minimume trijara, kie nur la bazaj lernobjektoj estus instruitaj; *specialiga kurso*, dujara, en kiu Geografio kaj Historio estus apartigitaj, kaj la *doktoarea kurso*, kiu estus farata nur de tiuj, kiuj jam sekvis la *specialigan kurson*.

La aŭtoro opinias necesa la enmeton de instrufako de *Regiona Geografio* en la kurson de Geografio kaj Historio, ĉar ĝi estus daŭrigo de la lernado de Fizika Geografio kaj Homa Geografio.

Li atentigas ankaŭ pri la neceso esti kreitaj la kursoj de Kartografio kaj Kosmografio, objektoj kiuj jam estas lernigataj en la Universitato de São Paulo kaj en la Fakultato de Filozofio "Sedes Sapientiae".

Li finas dirante ke en la Universitato de São Paulo estas kreita la *Departamento de Geografio*, kiu celas la unuecon de la instrufakoj pri Geografio, kaj samtempe estas paŝo farita por la kreado de *Instituto de Geografio* en Stato São Paulo.